

O Marxismo Científico de Louis Althusser

:

A partir de 1960, o filósofo marxista LOUIS ALTHUSSER vem elaborando uma nova interpretação do pensamento de Marx, que põe em discussão algumas teses marxistas tradicionais.¹ Seus escritos despertaram grande interesse e iniciaram um debate que teve ampla repercussão entre os marxistas do mundo ocidental. O Comité Central do Partido Comunista Francês, em maio de 1966, manifestou seu respeito pelas pesquisas de Althusser, mas, ao mesmo tempo, polemizando com ele, reafirmou a tese do humanismo marxista. Duramente criticado por marxistas, como L. Sève, R. Garaudy, H. Lefebvre, E. Fromm, e por não-marxistas, como R. Aron, M. Dufrenne e J.P. Sartre, Althusser tem também numerosos discípulos e admiradores.² Na América Latina o marxismo althusseriano teve grande penetração, sobretudo por mérito de M. Harnecker, comunista chilena, discípula de Althusser em Paris. Entre os cristãos a

obra de Althusser passou quase despercebida. Só ultimamente apareceram alguns trabalhos de autores católicos que parecem ter compreendido a novidade e o valor do pensamento althusseriano.⁴

A meu ver, para um cristão a obra de Althusser é de grande interesse, enquanto, “desideologizando” o marxismo, permite distinguir entre o “socialismo científico” e a “filosofia materialista”, possibilitando um diálogo mais sério e objetivo. Nesse breve estudo, é minha intenção expor as idéias centrais deste autor, muitas vezes mal compreendido, e formular algumas críticas que ajudem a esclarecer e aprofundar o debate.

1. A EPISTEMOLOGIA DE ALTHUSSER

O objetivo de Althusser é interpretar cientificamente o pensamento de Marx à luz da teoria da ciência, nunca por Marx elaborada, mas implícita na sua atividade científica, sobretudo na sua maneira de ler os Autores que o precederam. Por isso, sua primeira preocupação é explicitar a epistemologia de Marx.

1. Os escritos principais de Louis ALTHUSSER são:

- *Pour Marx*, Paris, Maspero, 1965 (Tradução port.: *Análise crítica da teoria marxista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967).
- *Lire le Capital* (em colaboração com E. BALIVAR, J. RANCIÈRE, P. MARCHERY e R. ESTABLET), 2 Vol., Paris, Maspero, 1965.
- *Sur le travail théorique*, em *La Pensée*, 1967, n. 132 (Tradução port.: *Sobre o trabalho teórico*, Lisboa, Editorial Presença).
- *Lénine et la philosophie*, Paris, Maspero, 1969.
- *Idéologies et appareils idéologiques d'Etat*, em *La Pensée*, 1970, n. 151.

2. Cf. L. SÈVE: *Marxisme et théorie de la personnalité*, Paris, Éditions Sociales, 1969, pp. 82-106.

- R. GARAUDY: *Perspectives de l'homme*, 4.ª ed., Paris, P.U.F. 1969, pp. 326-366.
- H. LEFEBVRE: *Sur une interpretation du marxisme*. Em *L'Homme et la société*, 1967, n. 4.
- R. ARON: *D'une Sainte Famille a l'autre*, Paris, Ed. Gallimard, 1969.
- M. DUFRENNE: *Pour l'homme*, Paris, Ed. Du Seuil, 1967.

3. Os estudos latino-americanos mais importantes sobre a teoria de Althusser são:

- S. KARZ: *Lectura de Althusser*, Buenos Aires, Editorial Galerua, 1970.
- M. HARNECKER: *Los conceptos elementales del materialismo histórico*, 13.ª ed. México, Siglo Veintiuno, 1972.
- C. H. ESCOBAR e outros: *Epistemologia e teoria da ciência*, Petrópolis, Editora Vozes, 1971.

4. Cf. L. SOUBISE: *Une nouvelle lecture de Marx*. Em *Projet*, 1967, 1229-1244.

- J. GUICHARD: *Le marxisme: théorie et pratique de la révolution*, 3.ª ed., Ed. Lyon, Chronique Sociale de France, 1972.

1.1 O trabalho teórico

O conhecimento, observa Althusser, não é uma visão imediata da realidade. Conhecer não é fotografar, mas é fruto de um trabalho muito complexo, "de todo um processo de produção de conhecimento, cujo resultado é aquilo a que Marx chama "a síntese de uma multiplicidade de determinações", sendo esta síntese o conhecimento concreto de um objeto concreto".⁵

O conhecimento da realidade só é possível através de conceitos teóricos abstratos. Estes, embora representem objetos formais abstratos, que em si não existem, são os instrumentos teóricos indispensáveis para formar os conceitos concretos que nos representam a realidade existente.

"Os conceitos concretos não são dados puros, decalque puro e simples leitura imediata da realidade. Eles são o resultado de todo um processo de conhecimento, que comporta vários níveis e graus de elaboração.(...) Com efeito, uma pesquisa ou uma observação nunca é passiva: só é possível sob a direção e o controle de conceitos teóricos que nela agem, quer direta, quer indiretamente, nas suas regras de observação, de seleção e de classificação, na montagem técnica que constitui o campo da observação ou da experiência (no instrumental teórico constituído por determinadas ciências ou filosofias). Uma pesquisa e uma observação, pois, inicialmente, não fornecem mais do que materiais, que depois são transformados em matéria-prima de um trabalho ulterior de transformação, que, finalmente, em virtude de conceitos teóricos, vai produzir os conceitos concretos".⁶

Por sua vez, também os conceitos teóricos não são o fruto de uma leitura imediata da realidade, nem são o resultado de uma "contemplação" de "idéias puras". Os conceitos teóricos "são o fruto de um processo de trabalho teórico, que comporta, entre as suas condições e elementos determinantes, as práticas não-teóricas (a prática económica, a prática política, a prática ideológica, etc.) e os seus resultados". Em outras palavras, não são o fruto exclusivo da mente humana, mas são condicionados por um conjunto de fatores de natureza material e social. Além disso, sendo o resultado de um longo trabalho teórico, através do tempo se cristalizam em teorias, culturas, mentalidades, que nós herdamos inconscientemente, assim como um filho herda o caráter dos pais ou como nós herdamos as estruturas sociais da sociedade em que nascemos.

"Isso supõe que, uma vez produzidos e constituídos, os conceitos teóricos podem e devem constituir o objeto de um trabalho teó-

5. L. ALTHUSSER: *Sobre o trabalho teórico*, p. 54.

6. *Ibid.*, pp. 58-59.

rico em sentido estrito, ser analisados, pensados na sua necessidade, nas suas relações internas, e desenvolvidos para que deles se extraiam todas as conseqüências, isto é, toda a riqueza".⁷

Tudo isso prova que o conhecimento da realidade implica uma prática, isto é, um processo de transformação e de produção de conhecimentos. Também a teoria, escreve Althusser, é uma espécie de prática estritamente relacionada com as outras formas da prática social. Como toda prática, a teoria é a transformação de uma matéria-prima num determinado produto mediante o uso de determinados instrumentos. "A prática teórica faz parte da definição geral da prática. Lida com uma matéria-prima (representações, conceitos, fatos) que lhe é dada por outras práticas, sejam empíricas, técnicas, ideológicas, e se serve, como instrumento de trabalho, dos conceitos teóricos".⁸

Na prática teórica é necessário distinguir dois momentos diferentes: a prática ideológica e a prática científica. Através da primeira, a prática teórica se relaciona com as outras práticas do homem social e produz a matéria-prima sobre a qual trabalha a prática científica. Esta última, através de instrumentos teóricos adequados, cria os conceitos que nos permitem compreender a realidade concreta.

1.2 A prática ideológica

Por serem essencialmente sociais, os homens participam na produção econômica, cujos mecanismos e efeitos são determinados pela estrutura das relações de produção, e participam numa atividade política, cujos mecanismos e efeitos são determinados pela estrutura das relações de classe. Por sua vez, por serem racionais, os homens, unidos em sociedade numa estrutura econômica e política, necessariamente se representam sua posição dentro da sociedade, racionalizando-a e justificando-a, servindo-se para isso das representações filosóficas, morais, culturais e religiosas. Estas representações, embora possam conter elementos de verdade neste contexto, têm como única finalidade dar coesão ao edifício social, fazendo com que cada indivíduo assuma suas funções dentro da sociedade na qual está inserido. Em vista disso, todas estas representações se fundam numa unidade, tomando a forma de uma concepção do mundo, na qual as representações isoladas assumem um novo sentido. A concepção do mundo, que reflete a posição dos homens dentro da sociedade, e o novo sentido que dentro desta concepção vêm a ter as diversas representações filosóficas, culturais, morais e religiosas, formam a ideologia.

7. *Ibid.*, p. 68.

8. *Idem: Análise crítica da teoria marxista*, p. 145.

"A ideologia é um sistema de representações (imagens, mitos, idéias ou conceitos) dotado de uma existência e de um papel histórico no seio de uma sociedade dada".⁹ Elemento orgânico de toda formação social, a ideologia é o "cimento" indispensável à sua coesão. Não existe nenhuma formação social sem um sistema de idéias, noções, moral, arte, instituições, no qual os indivíduos, os grupos e as classes se representam esta mesma formação social e sua própria situação nela. "A ideologia é a expressão da relação dos homens com o seu mundo, isto é, a unidade da sua relação real e da sua relação imaginária com as suas condições de existência reais".¹⁰

Esta relação em grande parte é inconsciente. Com efeito, "a ideologia é um sistema de representações que na maior parte das vezes nada tem a ver com a consciência: elas são imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à imensa maioria dos homens, sem passar para a sua consciência".¹¹ São objetos culturais que agem sobre os homens por um processo que lhes escapa.

A ideologia é uma realidade objetiva, estritamente ligada à estrutura social e herdada como a própria estrutura social em que o homem nasce.

A ideologia falsifica a percepção imediata da realidade. Está a tal ponto presente nos atos e nos gestos dos indivíduos que é indistinguível de sua experiência vivida. Quando o indivíduo julga estar perante uma percepção pura e nua da própria realidade, de fato encontra-se frente a uma percepção marcada pelas estruturas invisíveis da ideologia que a desfiguram.

:

1.3 *A prática teórica científica*

A visão imediata da realidade é deturpada pelo diafragma da ideologia. Portanto a ciência não opera sobre o real, sobre os fatos, mas sobre um "caldo cultural", formado por conceitos enlaçados em imagens, mitos, idéias, que enformam e deformam o real.

A ciência nasce de uma ruptura e de uma crítica da ideologia; esta última é a matéria-prima sobre a qual a ciência deve trabalhar servindo-se de instrumentos teóricos adequados.

A matéria-prima da prática científica, chamada por Althusser "Generalidade I", é formada por representações, fatos, conceitos, fornecidos pelas outras práticas, sobretudo ideológicas.

9. *Ibid.*, p. 204.

10. *Ibid.*, p. 207.

11. *Ibid.*, p. 206.

Os instrumentos do trabalho teórico científico, ou seja, os conceitos que definem a problemática da ciência num determinado momento, formam a "Generalidade II".

O resultado do trabalho científico, que permite o conhecimento concreto do objeto concreto, é a "Generalidade III".

O trabalho teórico parte de um conhecimento abstrato para chegar a um conhecimento concreto, transformando em conceito concreto e objetivo os dados da intuição e da representação. Estes dados em parte são fornecidos pela percepção individual da realidade através da abstração do objeto-real pelo sujeito; em parte são constituídos por aquela "massa colossal de informações" fornecidas ao teórico pela escola, pelos livros, pelos jornais, pelos testemunhos orais, por todos esses depósitos da "memória social" que conservam essas informações sob uma forma combinada e já reduzida à expressão abstrata.

O homem não analisa os fatos empíricos com uma consciência vazia, mas com uma consciência que se elaborou no decorrer de sua formação social e de suas práticas socialmente orientadas pela ideologia. Aquele que acredita exprimir os fatos absolutamente sem idéias pré-concebidas, sem nenhuma noção anteriormente admitida, está profundamente enganado.

Portanto, a "Generalidade I", constituída pelas intuições e representações imediatas da realidade, de fato é já uma forma de abstração e de generalização que existe antes e independentemente da prática teórica científica.

A ciência se faz a partir da crítica à ideologia, através da "Generalidade II". Como em qualquer modo de produção, o agente, no caso o cientista, ocupa na totalidade estruturada do processo de produção de conhecimentos, o lugar de "suporte" das estruturas. São as combinações dos conceitos com a teoria que produzem o novo conhecimento. O cientista, como portador da força de trabalho, nada mais faz do que oferecer um "suporte" a essas estruturas combinadas, na maior parte das vezes inconscientemente.

A "Generalidade III" apresenta-se, então, como o resultado do processo de transformação da "Generalidade I" pela "Generalidade II". Consiste no conhecimento, isto é, no concreto de pensamento, que aponta para a coisa singular existente, "o concreto real". Todavia, o processo de produção deste conhecimento se passa inteiramente na prática teórica. O concreto real, como dizia Marx, "subsiste depois como antes em sua independência exterior ao pensamento".

A "Generalidade III", como produto específico da prática teórica, possui seu próprio critério de validação. É à própria

prática teórica que cabe elaborar seus protocolos capazes de estabelecer a qualidade de seu produto, isto é, os critérios de cientificidade.

A ciência pode ser definida como a produção de um novo objeto, um objeto de conhecimento: é a transformação de uma generalidade por parte do sistema relativamente unificado, formado de conceitos e técnicas, que constituem o método conforme o qual deve proceder a prática científica num momento da sua história e incluem os critérios de sua validação; transformação da qual deriva como resultado uma nova generalidade, isto é, novos conceitos, conhecimentos concretos da realidade concreta.

1.4 *A prática teórica e a estrutura social*

A prática teórica não está separada da totalidade da prática social. "A prática social é a unidade complexa das práticas existentes em uma sociedade determinada. Todas as práticas da sociedade estão relacionadas entre si".¹²

As diversas formas da prática social estão estruturadas de tal forma que a prática determinante em última instância é a prática econômica, ou seja, "a prática de transformação da natureza em produtos de uso pela atividade dos homens existentes, trabalhando pelo emprego metodicamente regulado de meios de produção determinados, no quadro de relações de produção determinadas".¹³

Dentro da unidade complexa da prática social, a prática teórica possui uma autonomia relativa, que não exclui, mas antes supõe, uma certa dependência em relação à estrutura complexa da prática social, e, em última instância, em relação à prática econômica.¹⁴

Por esta razão, uma teoria do conhecimento só é possível a partir de uma teoria científica da sociedade. Marx no mesmo momento em que descobriu a verdadeira natureza da sociedade e da prática social, descobriu também o funcionamento do nosso conhecimento da realidade.

1.5 *Ciência e Filosofia*

"Existe, pois, uma prática da teoria. A teoria é uma prática específica que se exerce sobre um objeto próprio e conduz a seu produto próprio: um conhecimento".¹⁵

12. *Ibid.*, p. 144.

13. *Ibid.*, p. 144.

14. Cf. L. ALTHUSSER: *Lire le Capital*, p. 61.

15. Idem: *Análise crítica da teoria marxista*, p. 150.

Qual é o lugar que a filosofia ocupa nesta prática teórica? O que é a filosofia? A esta pergunta Althusser responde que a filosofia verdadeira, a filosofia científica, é a Teoria da prática teórica, isto é, a teoria geral da prática em geral e das diversas práticas teóricas particulares, que transformam em conhecimentos, isto é, em verdades científicas, o produto ideológico das práticas empíricas.

A filosofia acompanha a ciência. "Para que a filosofia possa nascer é necessário que exista a ciência. A filosofia em sentido estrito surgiu só com Platão, sob o impulso da matemática grega".¹⁶

A filosofia não é uma ciência, mas está profundamente ligada à prática científica. Tarefa da filosofia é estudar a estrutura da prática teórica, sua diferença a respeito das práticas não-teóricas, e mostrar que a ciência não precisa de justificações externas. A filosofia é a "consciência" da ciência, a consciência que a ciência tem de não ser ideologia.

2. A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE MARX

Althusser, servindo-se da teoria da ciência, julga poder dividir o pensamento de Marx em dois grandes períodos, separados por uma profunda "cesura epistemológica": "O período ainda ideológico, anterior à cesura epistemológica, que se verificou em 1845, e o período científico, posterior à cesura de 1845. Esse segundo período pode, ele próprio, ser dividido em dois momentos, o momento da maturação teórica e o momento da maturidade teórica de Marx".¹⁷

As obras de Marx podem, assim, ser divididas em quatro grupos. As principais de cada grupo são:

- 1) *Obras da juventude*:
 - Crítica da filosofia do direito de Hegel (1843)
 - Manuscritos econômico-filosóficos (1844)
- 2) *Obras da cesura epistemológica*:
 - Teses sobre Feuerbach (1845)
 - A Ideologia Alemã (1845)
- 3) *Obras de maturação*:
 - Miséria da filosofia (1847)
 - Manifesto comunista (1848)
- 4) *Obras da maturidade*
 - Contribuição à crítica da economia política (1857)
 - O Capital (1857-1867)

16. Idem: *Lenin e la filosofia*, p. 25.

17. Idem: *Análise crítica da teoria marxista*, p. 24.

As obras do primeiro período têm um caráter mais filosófico e provam a necessidade do comunismo a partir de uma concepção filosófica do homem. As obras do último período, ao contrário, se distinguem por sua natureza científica e provam a necessidade do comunismo a partir de uma visão objetiva dos mecanismos sociais.

2.1 *A antropologia filosófica do jovem Marx*

A antropologia filosófica do jovem Marx está ligada à filosofia de Hegel e de Feuerbach. Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, afirma que o homem se realiza através do trabalho e chega à sua plenitude na livre comunidade do Estado. Feuerbach, na *Essência do Cristianismo*, considera o homem como um ser universal, que só pode ser tal, não como indivíduo, mas na comunhão com os outros.

Marx aceita de Hegel a idéia de que o homem se realiza pelo trabalho e afirma com Feuerbach que o homem é um ser essencialmente social. Contudo, na sua perspectiva "materialista" e anti-idealista, se preocupa sobretudo de afirmar que o homem é uma abstração se se prescinde de suas relações concretas com a natureza e com a sociedade. Marx, pois, não define a essência do homem, mas simplesmente descreve sua relação com a natureza e com a sociedade.

Homem e Natureza

O ponto de partida da reflexão marxista não é nem a natureza material nem o homem, mas a relação inscindível entre o homem e a natureza. Sem o homem a natureza não tem sentido, assim como sem a natureza o homem nem pode existir.

Homem e natureza são ao mesmo tempo dois pólos opostos e complementares: na natureza o homem descobre sua realidade universal e sua plenitude virtual; por sua vez, no homem e através do homem a natureza se realiza e aperfeiçoa.

Nesta relação elementar, o homem é um ser formado de necessidades, ou seja, um complexo de necessidades que exigem ser satisfeitas, e a natureza é a possibilidade de satisfação dessas necessidades.

Esta relação determina um movimento contínuo, pois o homem, satisfeito em suas necessidades mais elementares, sente necessidades sempre mais elevadas; enquanto a natureza, sempre mais enriquecida por seu contato com o homem, se torna sempre mais capaz de satisfazer às necessidades crescentes do homem.

O trabalho

A relação homem-natureza se realiza no trabalho. O trabalho aproxima progressivamente a natureza ao homem e a humaniza cada vez mais, e torna possível ao homem realizar-se como homem.

O trabalho, ao mesmo tempo, universaliza o homem, enquanto lhe permite assimilar tudo o que a natureza material é, e humaniza a natureza, enquanto a torna conforme ao homem. Universalização do homem e humanização da natureza: nisto está toda a evolução dialética do real, cujo motor é o trabalho humano. O trabalho, pois, é a essência do homem, no sentido que só pelo trabalho o homem pode realizar-se.

Homem e Sociedade

Pelo trabalho o homem se insere numa sociedade, isto é, num conjunto de relações com os outros trabalhadores, relações cada vez mais complexas. Por isso, a relação do homem com a sociedade é essencial quanto a relação do homem com a natureza. Desde que os homens podem trocar os produtos de seus trabalhos respectivos, o trabalho e seus produtos não são mais exclusivos de ninguém. O trabalho torna-se sempre mais "social". Cada um pode usufruir do trabalho de todos os outros, tornando-se possível a universalização plena de todo indivíduo.

Nesta universalização do homem, que faz com que cada indivíduo possa realizar em si as dimensões do universo material, a relação do homem com a natureza e a relação do homem com a sociedade aos poucos acabam por coincidir, de tal forma que em cada indivíduo se encontra toda a natureza e na natureza a imagem da humanidade inteira.

No fim desse processo desaparecerá igualmente a oposição entre o indivíduo e a sociedade, pois, cada indivíduo chegará a ter as dimensões da humanidade inteira.

A História

A relação do homem com a natureza e a relação dos homens entre si desenvolvem progressivamente suas virtualidades numa evolução constante. A realidade é essencialmente histórica. Por isso Marx se preocupa de conhecer o sentido da história.

O início e o motor da história é o trabalho. Pelo trabalho o homem se "objetiviza" na natureza e faz dela o seu próprio "corpo inorgânico". Isso constitui, ao mesmo tempo, a grandeza do homem e a possibilidade de sua alienação, que se realiza quando o "corpo inorgânico" lhe é tirado.

A alienação

Quando o trabalho não é realizado pela necessidade de apropriar-se (juntamente com os outros homens) a natureza exterior, quando o motivo consciente do trabalho não é mais a necessidade de "objetivar" a própria humanidade na matéria, o trabalho torna-se alienante.

Isso acontece necessariamente numa sociedade fundada sobre a divisão do trabalho, e ainda mais numa sociedade na qual a maioria dos homens não possui os meios de produção, e é obrigada a vender a sua força de trabalho aos proprietários, a fim de sobreviver. Neste caso, o que vale não é mais o que é produzido, e sim o salário que permite sustentar a própria existência animal.

A alienação do produto do trabalho causa a alienação do próprio trabalho e da vida do homem, enquanto ser genérico e social.

A Revolução

A história está envolvida num processo de alienação que já tem em si o princípio de sua superação.

A propriedade particular dos meios de produção, causa da alienação, produz ao mesmo tempo a classe proletária, que será a classe redentora da humanidade: ela realizará necessariamente uma revolução e criará uma nova sociedade, a sociedade comunista, na qual toda propriedade particular desaparecerá.

A razão disso é a igualdade que há entre os proletários. Por enquanto é a igualdade da pobreza e da miséria: mas será suficiente suprimir o regime capitalista fundado na propriedade privada, para que o conjunto do universo material, possuído egoisticamente por alguns, se torne o lugar do encontro e do intercâmbio entre todos os homens; e então haverá, não uma igualdade na propriedade, como aquela sonhada pelos antigos comunismos, mas uma igualdade além da propriedade, que permitirá a expansão de todos e de cada um num universo totalmente humanizado e de todos.

A Sociedade Comunista

Fruto desta transformação será a sociedade comunista, termo último da história.

Na realização plena da história o homem alcançará a sua realidade absoluta e tornar-se-á ele mesmo o seu próprio criador. Com efeito, escreve Marx: "Um ser não se encara a si mesmo como

independente, a menos que seja seu próprio senhor; e ele só é seu próprio senhor quando deve sua existência a si mesmo. Um homem que vive pelo favor de um outro considera-se um dependente. Mas eu vivo completamente por favor de outro indivíduo quando lhe devo não apenas a continuação de minha vida, como igualmente sua criação. Como, no entanto, para o socialismo, o todo da chamada história mundial nada mais é que a criação do homem pelo trabalho humano, e a emergência da natureza para o homem, este tem a prova evidente e irrefutável de sua auto-criação".¹⁸

E então, a busca de um ser estranho, acima do homem e da natureza, torna-se praticamente impossível. A religião não tem mais sentido. A religião só tem sentido como expressão da alienação do homem.

O próprio ateísmo, como negação do irrealismo da religião, não terá mais sentido, pois ele é uma negação de Deus, que tem como única finalidade afirmar o ser absoluto do homem. O comunismo não precisará mais da mediação do ateísmo para afirmar o homem. O comunismo será a autoconsciência positiva que o homem tem de si mesmo como ser absoluto e auto-criador.

2.2 *A ruptura epistemológica*

O jovem Marx fundamenta a necessidade da revolução e da sociedade comunista sobre a essência do homem. Ele vê a justificação do comunismo numa filosofia materialista e humanista, cujos conceitos-chave são o conceito de trabalho e de alienação. O trabalho é a própria essência do homem, essência que se tornou alienada por causa do regime de propriedade particular dos meios de produção. Por causa do trabalho alienado o homem tornou-se estranho a si mesmo, de tal forma que a sua existência contradiz à sua essência.

Esta contradição interior ao homem exige uma revolução social, que elimine a propriedade particular e restitua ao trabalho seu caráter universal e criador e ao homem sua própria humanidade.

A perspectiva "materialista" de sua filosofia leva Marx a ocupar-se da raiz econômica da alienação do homem. E isso, por sua vez, determina nele uma "ruptura epistemológica", no sentido que enfrenta o problema de uma outra forma, com outros instrumentos teóricos, passando de uma concepção filosófica da história para uma análise científica da sociedade.

18. K. MARX: *Manuscritos*, Paris, Éditions Sociales, p. 99.

Assim, para o Marx da maturidade, a necessidade da história não será mais fundada sobre uma qualquer ideologia humanista. A necessidade da nova sociedade comunista e sua superioridade relativa ao modo de produção capitalista se explicará unicamente pelo desenvolvimento das contradições antagônicas existentes na sociedade capitalista e, em última instância, pela contradição existente entre as forças produtivas e as relações de produção.

Esta análise basear-se-á numa teoria científica, cujos conceitos-chave são o conceito de formação social, forças produtivas, relações de produção, infra-estrutura, super-estrutura, etc.

No fundo desta mudança no pensamento de Marx está também uma filosofia da ciência que exige que qualquer realidade seja explicada por seus princípios internos, sem confundir, por exemplo, as explicações filosóficas ou ideológicas com as razões verdadeiramente científicas.

2.3 A filosofia "científica" do Marx da maturidade

As obras da maturidade não tratam de filosofia, e sim de ciência. Contudo, ao mesmo tempo em que Marx elabora a sua nova ciência da sociedade, põe os fundamentos de uma nova filosofia.

"*O Capital* não nos dá os princípios da filosofia marxista como tal, dado que não trata de filosofia que, aliás, não é o seu objeto, mas do modo de produção capitalista. No entanto, a filosofia marxista está em *O Capital*, que é uma "realização" dela. A filosofia marxista pode ser encontrada em *O Capital*, dado que está nele praticada. A filosofia existe em *O Capital* no estado prático, está presente na sua prática teórica, precisamente na maneira de conceber o objeto do *Capital*, na maneira de colocar os seus problemas, na maneira de os tratar e de os resolver".

Esta filosofia, presente "no estado prático" na obra científica de Marx, é a dialética marxista, ou seja, o materialismo dialético, que não tem nada em comum com a dialética hegeliana. Esta filosofia é a teoria daquela ciência da história e da sociedade, que foi descoberta por Marx no momento em que rompeu com toda a filosofia ideológica anterior.

3. A TEORIA CIENTÍFICA DE MARX

O Marx da maturidade abandona a filosofia para ocupar-se exclusivamente de economia e de qualquer outro problema relacionado com a sociedade. De uma filosofia da história passa a uma teoria científica das transformações sociais. Procurarei indicar muito brevemente os elementos essenciais dessa teoria científica de Marx.

3.1 A Sociedade

O objeto da teoria científica de Marx não é o homem, e sim a sociedade em sua estrutura objetiva. Para Marx a sociedade é uma estrutura complexa formada por relações das quais os indivíduos são simples suportes. Os diversos níveis da estrutura social são interdependentes e são determinados em última instância pelo nível econômico.

A Produção

Marx, influenciado por sua filosofia que faz do trabalho a essência do homem, afirma que a produção em qualquer sociedade ocupa o lugar central e determinante.

A produção é um processo que visa a transformação de matérias naturais em objetos úteis ao homem. Este processo põe em movimento uma estrutura cujos elementos são: a atividade pessoal do homem, ou seja, a força de trabalho, a matéria-prima, e os instrumentos de trabalho. No processo produtivo há um dispêndio da força de trabalho, a qual, utilizando conforme técnicas adequadas determinados instrumentos, transforma o objeto do trabalho num produto útil.

Esta análise põe em relevo dois aspectos essenciais: a) a natureza material do processo produtivo, b) o papel determinante dos meios de produção no processo produtivo.

O processo produtivo é material porque é dominado pelas leis físicas da natureza e da tecnologia. A própria força de trabalho se insere neste mecanismo e funciona como se fosse uma força da natureza.

Entre os elementos do processo produtivo, os meios de produção ocupam um lugar determinante: o valor da força de trabalho e o produto resultante depende dos meios de produção à disposição.

Os agentes da produção, usando determinados instrumentos sobre uma determinada matéria-prima, constituem a *força produtiva*.

As Relações Sociais de Produção

A produção é necessariamente um fato social, e por conseguinte determina diversos tipos de relações entre os agentes da produção, que fundamentalmente são as *relações técnicas* e as *relações sociais*.

19. L. ALTHUSSER: *Sobre o trabalho teórico*, p. 90.

As *relações técnicas* de produção são as relações que se estabelecem entre os diversos agentes enquanto se aplicam aos diversos meios da produção, cumprindo tarefas diferentes e complementares.

As *relações sociais* de produção são as relações que derivam da propriedade ou não-propriedade dos meios de produção. As relações sociais não devem ser consideradas como relações interpessoais, entre homens, e sim como relações entre agentes da produção, isto é, entre homens que ocupam uma função bem determinada no processo produtivo. Sendo esta função determinada fundamentalmente pela relação de propriedade ou não-propriedade dos meios de produção, a relação entre os homens passa necessariamente através de uma relação com os objetos, isto é, os meios de produção.

Disso deriva que as relações sociais de produção são objetivas e sua natureza depende da vontade dos homens: o capitalista explora e explorará o operário embora não o queira conscientemente, embora lute contra esta exploração, já que as leis objetivas do sistema capitalista são inflexíveis.

Relações entre as Forças Produtivas e as Relações Sociais de Produção

As relações sociais de produção formam uma estrutura estritamente ligada e dependente da estrutura das forças produtivas, formando com elas uma única estrutura complexa.

Nesta estrutura complexa, as forças produtivas determinam as relações de produção, embora estas por reflexo condicionem as primeiras.

O Equilíbrio da estrutura exige que entre as forças produtivas e as relações de produção haja uma certa correspondência. Ora, essa correspondência necessária determina uma dialética que, segundo Marx, é o motor último da história das transformações sociais. Para compreender essa dialética, deve-se lembrar que as forças produtivas e as relações sociais se desenvolvem em forma desigual. O desenvolvimento das forças produtivas é constante e até certo ponto é favorecido pelas próprias relações de produção. Ao contrário, as relações de produção tendem a permanecer estáveis, ficando em atraso relativamente às forças produtivas.

Desta forma, aos poucos origina-se uma não-correspondência, que põe obstáculos ao desenvolvimento das forças produtivas. Um exemplo desta não-correspondência é o sistema capitalista monopolista, em que as forças produtivas, que alcançaram um alto grau de socialização, são freadas pelo caráter privado das relações de propriedade.

Esta não-correspondência chega até um certo limite, além do qual exige uma nova reestruturação das relações de produção. Por exemplo, no capitalismo a crescente socialização das forças produtivas entra em contradição com a propriedade particular, cada vez mais concentrada, dos meios de produção, e exige um novo tipo de sociedade, a sociedade comunista.

Esta dialética entre forças produtivas e relações sociais de produção é o motor que determina toda a evolução da história.

A Estrutura Social

A combinação dos diversos elementos da produção exige necessariamente uma estruturação política da sociedade, ou seja, um conjunto de estruturas e relações capazes de manter a unidade entre os diversos elementos do processo produtivo.

Estas relações e estruturas, que se superpõem à estrutura econômica, formam a superestrutura da sociedade, que se exprime em três níveis: o político, o jurídico e o ideológico.

A superestrutura não é produto da infraestrutura econômica, mas é uma estrutura autônoma, embora dependente. Infraestrutura e superestrutura estão intimamente relacionadas, se influenciam mutuamente e juntas formam a estrutura global da sociedade. Nesta estrutura global, a infraestrutura econômica continua a ser determinante em última instância. Isso significa que ela determina espaços onde outras causas e efeitos se tornam possíveis. A relação "forças produtivas-relações de produção" é a invariável que determina o espaço em que as diversas variáveis da estrutura social podem se exprimir.

A Estrutura Jurídico-política

A estrutura jurídico-política é formada pelo conjunto de aparatos institucionais e normas, destinado a regulamentar o funcionamento da sociedade no seu conjunto. As formas destes aparatos institucionais, sua importância e os princípios normativos variam em relação à estrutura econômica que lhes serve de base.

A Estrutura Ideológica

A estrutura ideológica é formada pelo conjunto de idéias, imagens, mitos e representações com que cada indivíduo se representa e justifica sua posição dentro da sociedade.

Entre os diversos elementos da sociedade, a estrutura ideológica é muito importante pelos reflexos que ela tem sobre as restantes

estruturas e pelo papel que desenvolve na interpretação da realidade social. A ideologia não é somente um elemento da super-estrutura, mas penetra também nas outras partes do edifício social — é como o cimento que assegura a coesão do edifício.

A ideologia dá coesão aos indivíduos em suas tarefas, em suas funções e em suas relações sociais. Impregna todas as atividades do homem, inclusive a prática econômica e a prática política. Está presente em suas atitudes frente às obrigações da produção, na idéia que os trabalhadores se fazem do mecanismo da produção, nas atitudes e nos juízos políticos, no cinismo, na honestidade, na resignação e na rebelião, nos comportamentos dos indivíduos dentro da família e em suas relações com os outros homens e com a natureza.

A ideologia está presente em todos os atos e gestos dos indivíduos a tal ponto que chega a ser inseparável da “experiência vivida”, de tal forma que a análise imediata do “vivido” é sempre profundamente marcada pela ideologia.

A estrutura ideológica, indispensável em qualquer sociedade, é formada por dois sistemas: o sistema das idéias-representações sociais (as ideologias em sentido estrito) e o sistema das atitudes-comportamentos (os costumes).

O sistema das idéias-representações sociais compreende as idéias políticas, jurídicas, morais, religiosas, estéticas e filosóficas dos homens de uma determinada sociedade. Estas idéias tomam a forma de uma representação do mundo e do papel do homem nele. As ideologias não são representações objetivas e científicas do mundo, mas são representações cheias de elementos imaginários; mais que exprimir uma realidade, exprimem uma necessidade, um desejo ou uma esperança. As ideologias podem conter elementos científicos e válidos; nelas, porém, predominam os elementos que têm uma função de adaptação à realidade. A ideologia transforma a consciência, as atitudes e condutas dos homens para adaptá-los a suas tarefas e condições de existência dentro da sociedade. Por ex., a ideologia religiosa que fala do sentido do sofrimento e da morte oferece aos explorados uma representação da Vida, que lhes permite suportar melhor suas condições de existência.

O sistema das atitudes-comportamentos é formado pelo conjunto de hábitos, costumes e tendências a reagir numa determinada maneira. Este sistema é originado, tanto pelas ideologias propriamente ditas, como pela necessidade de ter que viver numa determinada condição.

Entre os dois sistemas origina-se uma dialética de condicionamento recíproco. De qualquer forma é mais fácil que uma pessoa

modifique o seu modo de representar-se o mundo, isto é, sua ideologia em sentido restrito, a que mude suas formas habituais de viver e de enfrentar a realidade.

Nem sempre, por isso, há uma relação de identidade entre as ideologias em sentido restrito e o sistema de atitudes-comportamentos: muitas vezes, há uma defasagem entre o modo de interpretar o mundo e os hábitos com que o homem enfrenta as situações vitais.

A função da ideologia, em qualquer tipo de sociedade, é de assegurar uma determinada relação dos homens entre si, conciliando-os com suas condições de existência. Numa sociedade classista ela atua em dois sentidos opostos:

- a) Exerce uma pressão sobre a consciência do explorador para que ele aceite como natural a dominação que exerce sobre os dominados.
- b) Atua sobre as consciências dos explorados para que eles aceitem como natural e boa sua condição de explorados.

A ideologia comporta representações, imagens, sinais, etc. Mas estes elementos considerados isoladamente não fazem a ideologia. O que determina seu significado e sua inteligibilidade é sua função e sua estrutura, isto é, seu modo de combinar-se.

Apesar de constituir uma estrutura única, a ideologia pode ser dividida em regiões, correspondentes aos diversos aspectos da existência humana, e estas regiões são relativamente autônomas entre si: ideologia moral, filosófica, religiosa, jurídica, política, estética, etc. Nas diferentes sociedades e épocas pode haver a predominância de uma região sobre a outra, como por exemplo, a predominância da região religiosa nas revoltas camponesas da Idade Média. Esta predominância não é determinada diretamente pela estrutura econômica, mas pelas características próprias do nível ideológico de uma sociedade determinada. A classe dominante sabe sempre utilizar-se da linguagem que lhe permita maior comunicação com a classe dominada.

Numa sociedade a ideologia dominante é sempre uma só: a da classe dominante. Mesmo em seu protesto, a classe dominada se expressa sempre utilizando os elementos e representações da ideologia burguesa, tais como a luta por maiores salários, etc... Para que a ideologia espontânea dos trabalhos chegue a se transformar até se libertar da ideologia burguesa, é necessário que receba de fora o auxílio da ciência, e que se transforme sob a influência deste elemento novo, radicalmente distinto da ideologia.

3.2 A Teoria da História

A teoria é instrumento de ação. Só conhecendo os mecanismos da estrutura social, o homem pode servir-se deles para a construção de uma nova sociedade. A liberdade da história é o conhecimento de sua necessidade.

Marx, a partir de uma teoria da sociedade, entendida como estrutura complexa cuja invariável é a relação forças produtivas-relações de produção, descobre as leis que regem a história e a evolução da sociedade até a sociedade comunista.

3.3 A Crítica do Modo de Produção Capitalista

Marx estudou os mecanismos da sociedade e da história a partir da sociedade capitalista do seu tempo. Desta mesma sociedade ele fez uma crítica, não tanto em termos moralistas, quanto em termos científicos, isto é, pondo em relevo suas contradições e sua superação inevitável. O conceito fundamental da crítica marxista do modo de produção capitalista é o conceito de "força de trabalho", que permite explicar o lucro do capitalista, a exploração do trabalhador, a crescente concentração da propriedade e as inevitáveis contradições do sistema.²⁰

3.4 O Materialismo Histórico

O materialismo histórico é o conjunto dos princípios teóricos que formam o fundamento da teoria marxista da história.

Entre estes princípios é necessário distinguir:

- a) Alguns conceitos gerais, que Marx usou só *implicitamente*, sem fazer deles um objeto explícito de estudo: são os conceitos de estrutura, de causalidade estrutural, etc., objeto do estudo de ALTHUSSER.
- b) Um segundo grupo de conceitos gerais, que Marx aplica a qualquer tipo de formação social: são os conceitos de produção, meios de produção, forças produtivas, relações de produção, estrutura jurídico-política e ideológica, determinação em última instância por parte da estrutura econômica, conceitos elaborados por Marx, sobretudo na *Introdução à crítica da economia política*.

20. Cf. M. HARNECKER: *Los conceptos elementales del materialismo histórico*, 13.ª ed. mm. pp. 251-276.

- c) Alguns conceitos específicos, usados para explicar a estrutura social capitalista: são os conceitos de força de trabalho, valor, mais valia, capital constante e capital variável, etc., conceitos elaborados por Marx na sua obra maior *O Capital*.

Entre estes diversos grupos de conceitos existe uma hierarquia: Os mais gerais estão necessariamente presentes no uso dos mais específicos, e não vice-versa. O materialismo histórico compreende, portanto, uma teoria geral e teorias particulares: a teoria geral é o conjunto dos conceitos necessários no estudo de qualquer formação social; as teorias particulares são os conceitos necessários na análise das diversas formações sociais (escravatura, feudalismo, capitalismo, socialismo, etc.) e de sua necessária evolução.

O materialismo histórico é uma teoria científica da história. Seu objeto não é o "Homem", mas o "modo de produção", desde que Marx compreendeu que "o modo de produção da vida material determina o desenvolvimento da Vida social, política e intelectual em geral, e não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas ao contrário, é sua existência social que determina a consciência".²¹

Baseado nisso, ALTHUSSER afirma categoricamente que o marxismo não é um humanismo.

4. A POLÊMICA SOBRE O HUMANISMO MARXISTA

O humanismo tornou-se, nesta segunda metade do século XX, o ponto onde se encontram e se chocam as tendências mais variadas do pensamento contemporâneo, de tal forma que justamente a nossa época pode ser chamada a época do conflito dos humanismos.

Também entre os marxistas, a partir do fim da segunda guerra mundial, o humanismo tornou-se cada vez mais o tema central e dominante. Neste clima intelectual não podia não suscitar interesse e reações a posição de LOUIS ALTHUSSER, que contradiz abertamente o marxismo oficial.

ALTHUSSER explica e defende a sua tese na forma seguinte. Teoricamente falando, o marxismo não é um humanismo. Isto significa que os conceitos teóricos fundamentais da ciência marxista da história, por um lado, e da filosofia marxista, por outro, não são noções humanistas e não têm qualquer relação com noções humanistas.

21. K. MARX: *Contribution à la critique de l'économie politique. Préface de 1859*, Paris, Éditions Sociales.

Para convencer-se disso, observa, basta verificar quais são as noções sobre as quais uma interpretação humanista do marxismo assenta a teoria marxista e quais os conceitos em que efetivamente assenta a teoria de Marx.

Uma interpretação humanista do marxismo faz assentar a teoria marxista nas seguintes noções: homem, essência humana, alienação, trabalho alienado, desalienação, homem total, homem genérico, indivíduo integralmente desenvolvido, criação do homem pelo homem, consciência, liberdade, transcendência, subjetividade, etc.

A interpretação humanista do materialismo histórico (ciência marxista da história) declara, por exemplo, que a história é a produção do homem pelo homem, que a essência do homem é o trabalho, que a história é a história da alienação do trabalho humano, que a revolução é a luta pela desalienação do trabalho humano e do mundo humano, que o comunismo é o reino da liberdade, da comunidade, da fraternidade, etc.

A interpretação humanista do materialismo dialético (filosofia marxista) afirma, do mesmo modo, que o sujeito humano é a fonte e o centro de todo o conhecimento; que o homem cria os seus conhecimentos do mesmo modo que cria a sua história; que o fulcro do conhecimento é o ato do sujeito humano voltado para o futuro, procurando transcender a sua situação, etc.

A base teórica do materialismo histórico e do materialismo dialético seria assim constituída por um mesmo sujeito criador, definido pela consciência do futuro inscrito nos seus projetos, tendendo para uma transcendência que o distingue da animalidade, para uma transcendência que é uma realização de valores humanos que o homem traz em si (liberdade, comunidade, fraternidade, subjetividade, amor etc.).

Na realidade, observa Althusser, o materialismo histórico assenta, nos seguintes conceitos teóricos de base: modo de produção, infraestrutura, forças produtivas e relações sociais de produção, superestrutura, direito, estado, ideologia, classes, luta de classes, determinação em última instância pela economia, deslocamento da instância dominante no interior de um modo de produção, combinação de vários modos de produção numa formação social concreta, etc.

Por sua vez, o materialismo dialético assenta nas seguintes categorias filosóficas de base: materialismo, ou primado da matéria sobre o pensamento, do objeto real sobre o seu conhecimento, distinção do processo real e do processo de pensamento, processo de produção de conhecimento, distinção da ciência e da ideologia, distinção da ciência e da filosofia, etc.

"Evidentemente, à primeira vista, conclui Althusser, podemos não nos aperceber muito bem desta diferença radical. Mas, basta prestar um pouco de atenção e estudar os textos de MARX e outras obras teóricas e práticas do marxismo para descobrir os conceitos e as categorias filosóficas próprias da teoria marxista, assim como para dar conta da diferença absoluta que os separa das noções da ideologia humanista".²²

Portanto, o marxismo não é um humanismo, enquanto é uma teoria científica que não se baseia sobre conceitos relacionados com uma determinada essência do homem.

Com isso, ALTHUSSER não nega que de fato o marxismo historicamente se tenha apresentado como um humanismo. Porém, enquanto humanismo, não é uma teoria científica e sim uma ideologia.

"Não se trata de negar a realidade designada pelo conceito de humanismo socialista, mas sim de definir o valor teórico deste conceito. Ao dizer que o conceito de humanismo é um conceito ideológico (e não científico) afirmamos simultaneamente que não há dúvida que designa um conjunto de realidades existentes, mas que, ao contrário de um conceito científico, não nos fornece o meio de as conhecer. Assinala, de uma forma particular (ideológica), existências, mas não nos dá a sua essência. Confundir estes dois planos seria impedir qualquer conhecimento, manter uma confusão e arriscarmo-nos a cair em vários erros".²³

O marxismo, enquanto humanismo, não tem valor teórico, mas tem uma função social e política. Ele tem a função de lutar contra as outras formas de humanismo usando suas próprias armas.

"O humanismo socialista atual é simultaneamente recusa e denúncia: recusa de todas as discriminações humanas, sejam elas raciais, políticas, religiosas ou quaisquer outras. Recusa de toda a exploração econômica e servidão política. Recusa da guerra. E esta recusa não é apenas uma orgulhosa proclamação da vitória, uma exortação e um exemplo dirigidos ao exterior, a todos os homens submetidos ao imperialismo, à sua exploração, miséria, servidão, discriminações e guerras; é também, e em primeiro lugar, voltado para dentro, para a própria União Soviética. No humanismo socialista da pessoa, a União Soviética não só dá conta da superação da ditadura do proletariado, como rejeita e condena também os seus abusos, as formas aberrantes e criminosas de que este se revestiu no período do culto da personalidade, etc".²⁴

22. L. ALTHUSSER: *A polémica sobre o humanismo*, Lisboa, 1968, pp. 189-192.

23. *Ibid.*, p. 14.

24. *Ibid.*, p. 35.

Embora necessária e inevitável, a ideologia do humanismo socialista apresenta um grave perigo: "o de não assinalar as condições sociais que definem qualquer liberdade e, duma forma mais geral, qualquer ideal humano: as relações sociais dos modos de produção considerados. Praticamente, na situação em que vivemos, tanto para o movimento operário dos países capitalistas como para os países socialistas, a ideologia do humanismo socialista apresenta o grave perigo de não assinalar a determinação que condiciona o destino do socialismo e do comunismo: a luta de classes. A luta de classes é hoje, e sê-lo-á por muito tempo, a realidade social que impõe a necessidade de criticar rigorosamente todo o emprego de uma ideologia socialista humanista. Por outras palavras, não é possível falar do homem em geral porque o homem encontrar-se-á sempre determinado pelo modo de produção existente, mas atualmente não é possível falar do homem em geral por uma razão suplementar: por causa da divisão da sociedade em classes e por causa da luta de classes. Mesmo se, no essencial, as bases económicas das antigas classes sociais foram liquidadas na URSS, ela não se encontra ao abrigo da luta de classes, não só num mundo dominado pelo imperialismo, como também no seu seio".²⁵

Daí a necessidade de um estudo científico da ideologia do humanismo marxista, a fim de mostrar sua natureza e função verdadeira.

5. ALGUMAS CONCLUSÕES

Que devemos pensar desta nova interpretação do marxismo defendida por ALTHUSSER? A exegese é correta? O marxismo assim interpretado é mais aceitável?

A exegese do pensamento de MARX em grande parte é válida. Não há dúvida que MARX nos escritos da juventude descreve e explica os fatos sócio-económicos, a partir de uma filosofia do homem e da história, enquanto nos escritos da maturidade estuda os processos objetivos do modo de produção capitalista em si mesmos, a partir de uma análise científica. Isso, porém, não significa que MARX abandone completamente a sua filosofia humanista. É inevitável que ele continue a ter uma concepção do homem e do universo e portanto uma visão ideológica da realidade. Simplesmente, esta visão ideológica não é mais aceita como fundamento para a explicação da história real dos homens. Sendo, porém, a ideologia algo nem sempre consciente, que condiciona nossa visão da realidade sem ser percebida, quem garante que

25. *Ibid.*, p. 208.

MARX não é também em parte influenciado por sua antropologia materialista? Parece-me que ALTHUSSER não indica critérios claros e objetivos que permitam provar a plena cientificidade da teoria de MARX.

De qualquer forma, a teoria de ALTHUSSER apresenta aspectos positivos.

Particularmente importante é sua teoria epistemológica. ALTHUSSER afirma com razão, que a crítica da teoria do conhecimento é condição prévia à crítica de qualquer ideologia e de qualquer teoria social ingênua e que ao mesmo tempo só é possível a partir de uma teoria científica da sociedade e da história.

A diferença da gnosiologia tradicional, ALTHUSSER não se propõe estudar a essência do conhecimento e suas condições de possibilidade, mas o mecanismo implicado na produção de todo e qualquer conhecimento científico. O conhecimento é analisado enquanto prática, isto é, enquanto processo de transformação de uma matéria-prima dada, em um produto determinado, utilizando meios de produção adequados. A tarefa que ALTHUSSER se propõe é estudar o mecanismo da prática teórica e sua articulação de dependência e de relativa autonomia no seio da unidade complexa da prática social.

ALTHUSSER deixa de lado o problema filosófico da origem do conhecimento e oportunamente nos lembra que o processo cognoscitivo em grande parte se desenvolve numa certa autonomia em relação à realidade exterior e que o mecanismo desse processo tem sua força não tanto no sujeito quanto na estrutura formada pelos conhecimentos de que o sujeito dispõe.

Esta colocação permite definir melhor a natureza do marxismo e seus limites. Conforme a teoria de ALTHUSSER, o marxismo é científico na medida em que se distancia de toda concepção filosófica do homem e da história. Seu objeto não é o homem em si mesmo, mas a estrutura objetiva da sociedade, que, embora possa ser considerada de alguma forma uma criação do homem, é autônoma em relação aos indivíduos particulares.

Isso permite distinguir entre teoria científica da sociedade e concepção filosófica do homem. A falta dessa distinção é a origem das principais dificuldades e contradições do marxismo: a) o materialismo da concepção filosófica do homem; b) o dogmatismo na análise científica da sociedade; c) as contradições da teoria marxista tradicional da história. A aceitação da mesma distinção é indispensável para uma colocação clara do problema da sociedade e da história e constitui a premissa para a superação das contradições internas do marxismo dogmático e para um diálogo sério, claro e fecundo entre o marxismo e as outras tendências do pensamento contemporâneo.

Ainda, semelhante distinção mostra a necessidade da autonomia da ciência em relação à filosofia: enquanto de um lado tira à ciência o direito de dizer tudo sobre tudo, de outro lado impõe à filosofia o dever de não sair do próprio âmbito, pretendendo que as ciências recebam dela os conceitos e o método de que precisam.

A pretensão da filosofia de substituir-se às ciências é uma das causas que impedem o progresso no conhecimento da realidade e favorece o aparecimento de ideologias que, sob as aparências de uma visão mais totalizante, escondem a tentativa de justificar uma situação de privilégio. A crítica das ideologias é uma das tarefas mais importantes da filosofia. Nesse sentido, ALTHUSSER oferece um material de grande interesse quando fala da relação entre ideologia e ciência. A sua própria recusa do humanismo, neste contexto, é a denúncia do caráter ideológico da filosofia do homem.

A definição do marxismo, dada por ALTHUSSER, obriga marxistas e não-marxistas a uma nova atitude frente ao mesmo. Com efeito, "se o marxismo se caracteriza por sua natureza científica, se constitui uma nova ciência, antes de MARX desconhecida, a ciência da sociedade e da história, é possível hoje ser "pré-marxista"? É possível agir na sociedade, modelar a história, transformar um modo de produção, criar novas estruturas sociais, sem passar por este conhecimento científico das leis que regem o funcionamento e a transformação das sociedades? ... Por outro lado, não é ser infiel ao método científico de MARX pretender parar num "sistema" acabado, como se a ciência não fosse por definição investigação sempre aberta a novos dados? Não é errado aceitar Marx ao nível de suas conclusões mais imediatas e de seus juízos históricos, mais do que ao nível de sua "problemática" mais profunda e de seu método no estudo da realidade histórica".²⁶

Os não-marxistas não podem desconhecer o que há de novo na investigação da realidade social operada por MARX; toda recusa neste sentido só poderia ser sugerida por interesses ideológicos. Por outro lado, nenhum marxista tem o direito de afirmar em nome de MARX que não são possíveis novas colocações e novas conclusões.

A teoria das ideologias elaborada por ALTHUSSER e sua definição do marxismo nos fazem pensar que um dos caminhos mais viáveis para o diálogo com os marxistas é a "desideologização" das posições contrapostas. É necessário que os cristãos, por exemplo, purifiquem sua fé de toda sedimentação ideológica. E de outro lado, é indispensável que os marxistas se perguntem até que ponto sua visão da realidade é científica e não pré-formada.

26. J. GUICHARD: *Le marxisme*, p. 288.

A esse respeito, o próprio ALTHUSSER não foge completamente ao influxo da ideologia. Quando afirma que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento válido e a filosofia não tem um objeto próprio, mas é um momento da ciência, isto é, a consciência que esta tem de ser científica, ALTHUSSER não faz uma afirmação científica, mas obedece aos princípios ideológicos do cientismo e do materialismo filosófico.

Enquanto ciência, o marxismo estuda as "leis" que determinam as relações entre os diversos níveis da realidade social. Desconhecendo estas leis nós nos fechamos na ideologia e nos impedimos de conhecer o homem concreto, de tal forma que se torna inútil e reacionário pregar a "dignidade da pessoa humana", a "liberdade", a "justiça", etc., pois neste caso só falaríamos de abstrações inexistentes. Mas, por outro lado, desconhecendo que estas "leis" não eliminam o homem com suas ideologias, utopias e esperanças, que a ciência critica e das quais mostra o fundamento real, caímos no cientismo, que é uma nova forma de ideologia.

Querendo ser realmente científico, o marxismo deve renunciar a definir a essência mais profunda do homem e do mundo, sua destinação e seu fim último. Enquanto ciência, o marxismo pode afirmar que para ele o homem é "o conjunto das relações sociais", mas ao mesmo tempo deve renunciar a toda afirmação que negue no homem um nível mais profundo alcançável por outro caminho.

A esse respeito, seria necessário perguntar-se se é possível um conhecimento científico da sociedade e da história, prescindindo completamente daquilo que só a filosofia nos pode dizer sobre a natureza do homem, e sem demonstrar como as duas formas de conhecimento devem articular-se. É um convite a refletir para determinar melhor o que a filosofia pode oferecer às ciências humanas, em vista de uma compreensão mais plena da realidade social, sem comprometer a objetividade da análise científica.